

# ‘2015 SERÁ O ANO DO AJUSTE, SEM RECESSÃO’

Com a nova equipe econômica, ex-diretor do BC diz que País pode pensar em recuperação em 2016

Alexa Salomão

A confirmação da nova equipe econômica mudou para melhor o cenário da economia em 2015, mas isso não significa que o ano será fácil. “Antes o cenário era de enorme recessão e agora é de baixo crescimento”, diz Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor do Banco Central e sócio-fundador da gestora Mauá Sekular. Segundo ele, o importante é fazer um bom ajuste em 2015 para que o País possa entrar numa nova rota em 2016. Abaixo trechos da entrevista que concedeu ao *Estado*.

● Qual é a perspectiva para 2015?

Antes o cenário era de enorme recessão. Agora é de ajuste. Esperamos um ajuste fiscal (para equilibrar a relação entre a arrecadação e o gasto público). Mas ainda teremos baixo crescimento, próximo de zero, inflação e juros mais altos. Se o ajuste for bem feito, podemos esperar um 2016 melhor.

● A nova equipe econômica mudou o cenário, então?

Sim. Ela ajuda numa coisa muito importante: credibilidade. Se a gente olhar nos últimos dois anos, tudo que o governo prometeu não cumpriu, em termos de ajuste fiscal, de crescimento, de inflação. É só olhar as declarações. Uma equipe como essa só está indo para o governo porque tem convicção de que vai conseguir fazer o que está se propondo. O Joaquim Levy (futuro ministro da Fazenda), o Nelson Barbosa (no Planejamento) e o Tombini (Alexandre Tombini, que permanece do BC) têm condições de fazer o ajuste. Levy tem uma vasta experiência, não só com as contas fiscais, mas também para negociar e cortar. Ele preza a questão da eficiência. Muitas vezes você faz um programa social que é meritório, mas acaba sendo pouco eficiente. Gasta mal o dinheiro. Gasta mais gerando menos benefício. Levar eficiência para o gasto faz uma baita diferença. Ou seja, estamos falando não só que o ajuste vem com uma série de medidas novas, mas também que terá eficiência.

● O debate sobre o ajuste causou polêmica na campanha.

A retórica na campanha ficou na contramão do que qualquer novo governo teria de fazer. Tanto que este governo, que disse que iria fazer outras coisas, está fazendo o ajuste. Só um ajuste muda o cenário, que é ruim. E só o ajuste muda outra coisa igualmente importante, a expectativa. Quando se vive uma situação insustentável, todo mundo olha para frente. Se o cenário for pior em todos os sentidos – em relação ao investimento, consumo, emprego, inflação – as decisões hoje serão muito mais cuidadosas. Se ocorrer o inverso – a situação até é difícil porque há um proce-

● O ano de depuração

“É difícil prever o resultado do ajuste. O diabo está nos detalhes.”

“Os setores ligados ao consumo vão sofrer e a sensação de desemprego vai crescer, mesmo fazendo a coisa certa.”

“O processo da Petrobras é uma limpeza. A relação entre público e privado vai mudar no Brasil.”

so de ajuste, mas lá na frente a situação melhora – as empresas começam a investir antes de ter demanda para seus produtos. No momento em que a coisa recuperar, já estão com fábricas prontas, com novas máquinas funcionando. A perspectiva pesa muito. Eu gosto de olhar os índices de confiança e hoje todos estão com níveis muito baixos.

● Se o ajuste for correto, dá para dizer que as perspectivas vão mudar no curto prazo?

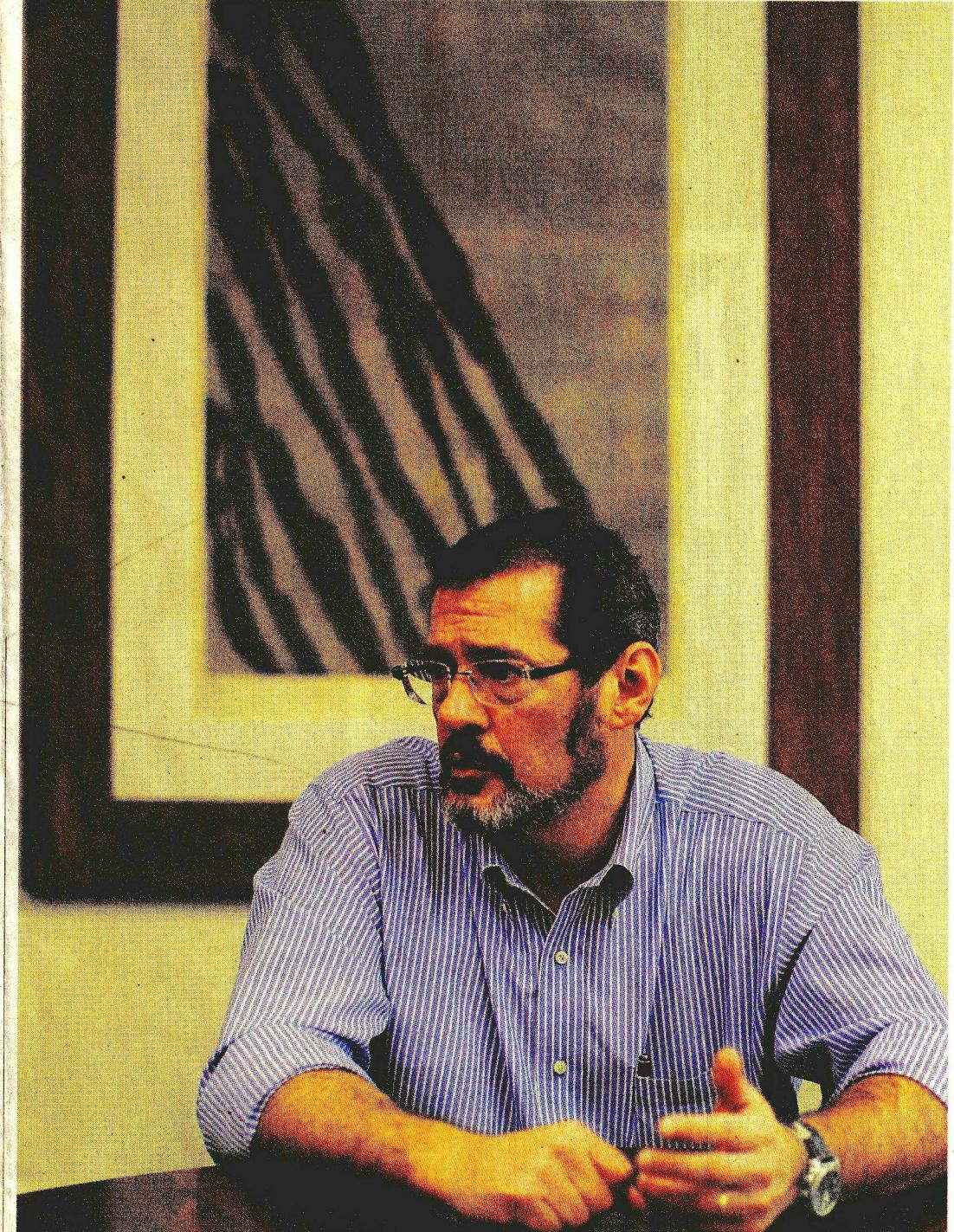
É difícil prever porque vai depender do tempo e da implementação. É importante olhar as medidas, para ver se elas ficam de pé – o que é quase certo com essa equipe. Mas temos que ver se o plano de voo funciona. O diabo está nos detalhes.

● Que setores da economia podem se recuperar rapidamente?

Os que são ligados a investimentos. A indústria tem um grande potencial. Foi o setor que mais sofreu. Se você olhar os preços das ações vai ver que eles estão no chão. As indústrias fizeram um enorme ajuste e agora têm condição de se beneficiarem de uma taxa de câmbio depreciada e atender a demanda interna. Num ambiente melhor, voltam a investir. Os setores ligados a consumo vão sofrer um pouco mais. Estamos já há um bom tempo com a contratação em nível baixíssimo. A sensação de desemprego vai crescer, mesmo fazendo a coisa certa. O salário real não poderá subir durante um bom tempo porque já subiu demais. As pessoas podem até perguntar: mas subir o salário é ruim? É uma coisa muito boa. Mas se subir mais do que a produtividade é ruim porque cria desequilíbrio: a economia entrega um salário maior, mas não consegue entregar mais de produtos. Mas além desse lado macro, tão ou mais importante é a questão microeconômica. O País depois de todos os ajustes corretos pode não crescer, por falta de competitividade.

● O sr. está mencionando as reformas que todos defendem mas nunca saem do papel?

Sem dúvida. Reforma tribu-



Gastos. Luiz Fernando Figueiredo diz que novo ministro da Fazenda preza a eficiência

tária. Reforma das leis trabalhistas. Há uma gama enorme de medidas a serem adotadas para melhorar a competitividade. Nos últimos cinco anos, o Brasil teve uma perda dramática de competitividade. A renda das empresas não aumentou, mas seus custos aumentaram enormemente, principalmente os custos ligados ao trabalho. Agora, por conta de todo o receio, o custo de capital também subiu. A curva de juros está muito alta. Ficou mais difícil investir com um bom retorno. É preciso, ao mesmo tem-

po que se faz o ajuste macro, implantar medidas micro que possam dar eficiência às empresas. O Brasil é um paciente na UTI. Pode estabilizar, ir para o quarto, ter alta. Mas não terá resistência, fôlego. Vai precisar se alimentar, recuperar a força. É preciso agir logo para melhorar a questão tributária, a trabalhista e a infraestrutura.

● Como fica a questão da infraestrutura com as maiores construtoras sendo acusadas de corrupção na Operação Lava Jato?

O processo envolvendo a Pe-

trobras vai trazer um impacto negativo para o crescimento e para o investimento em 2015. Mas hoje sou mais otimista com o Brasil do ponto de vista institucional. Estamos vendo uma limpeza. Um *modus operandi* pode deixar de existir. A relação entre o público e o privado vai mudar no Brasil. No início vai criar dificuldades. Não sabemos como ficam as obras públicas no ano que vem. Mas depois uma nova relação pode gerar uma enorme eficiência.